



Miopia

Tudo que tenho feito na vida de nada valeu apenas, meu casamento, meu trabalho, meus amigos. Tudo fracassou, nunca fui bom em nada; tentei mais não aprendi andar de bicicletas, um dos grandes sonhos. Jogar bola nem pensar. Nadar! Acho que foi um dos maiores desafios, já que minha casa ficava à beira mar. Assim portanto, pra sobreviver eu tinha que aprender a nadar. Nem que pra conseguir tivesse que engolir mais de meia dúzias de piabas. Depois de muita insistência conseguir flutuar. Daí pra frente é o que o amada leitor já sabe. Fracasso total, nem mesmo pude entender como arranjei a primeira namorada, e pra dar o primeiro beijo? Quantos desatinos. Depois de algumas semanas de namoro ela me deixou. Tá bom! Vou ser padre, pensei em me internar, quem disse que o Bispo aceitou meu pedido de internação. Sem fazer questionamento resolvi sentar praça, ia ser soldado. Me alistei e no dia da famosa seleção, lá estava eu, cheio de fadiga, me achava o tal. O tempo passava e nada de me chamarem. Caminha pra cá, pra lá e nada de me chamarem. Bem se não me chamarem vou entrar assim mesmo, ia até a porta, botava um pé pra fora mais logo em seguida recuava. Então falava pra mim

mesmo. _ Tenha calma, seja paciente, estas coisas
Atendendo a voz vindo do meu interior, resolvi esperar.
São mesmo assim.

Passado mais uma meia hora me decidi, fui perguntar para o atendente que retomava ao seu lugar. Meio vergonhoso, voz abafada, perguntei: _ Capitão? O senhor poderia me chamar, estou aqui desde muito cedo, fui o quinto a chegar! Todos já foram atendido só eu que não. O atendente me olhou de cima em baixo, desviou o olhar, e só mais depois é que voltou a me fitar. Olhar indagativo e quando ia me responder o infeliz do telefone tocou. O cara aquém a pouco o tinha chamado de capitão se levantou, não pediu licença, se levantou e foi até uma mesinha a uns três metros de seu balcão de atendimento.

Esfreguei meu pé no soalho, era o sinal de que minha paciência estava no limite. Fazer o quê? O jeito era mesmo contra a vontade, esperar.

O homem falava, falava e falava, escutava, escutava e escutava e depois voltava a falar. Fazia gestos, movimentava suas mãos, passava o lenço sobre a barba de quatro dias pelo visto estava suando, seria isso bom ou não? O certo que o atendente continuava pendurado ao telefone.

Um quarto de horas já tinha se passado e nada daquele homem largar o telefone. Com ou sem paciência de Jó meu estômago começava dar sinal que a hora do almoço estava chegando. Só se for janta. Um som de botas batendo no chão se aproxima, vinha pelo lado oposto um pelotão de uns cem, quem sabe mais soldados. Perto da praça o instrutor começou a dar voz de comando..., _ Companhia sentido!

_ Todos pararam de marchar, novamente outra ordem..., Marcar passo..., Pelotão sentido! Descansar armas! A direita volver! Firme! Direita volver..., Esquerda volver...! Aaaaapreeseeeennntaaarrrrr aaaarrmmaaaa..., descançar! Pelotão sentido!

O tal de instrutor, cara nada de amistosa, se dirigindo para o pelotão, voz grave e estrondosa, falou.

_ Isso aqui não é a casa de Maricota, cabra frouxo aqui, não têm vez. A lei aqui é um por todos e todos por mim...,

O instrutor fez uma pausa e até parecia adivinhar os pensamentos do grupo., _ Queixo pra frente! Peito erguido!

Por momentos esqueci do atendente, e, por instantes pensei..., já pensou se eu estivesse neste meio, que satisfação, servir à Pátria, servi meu país, segurar um desses fuzis, quanta alegria! Certamente que meus pais ficariam orgulhosos de me verem fardado servindo, sendo um soldado. Voltei ao presente e melhor me posicionei para ver melhor aqueles soldados. Não me lembrava mais do atendente, mesmo assim, voltei a vista e ele continuava pendurado ao telefone. O agudo som da corneta quase tira lágrimas de meus olhos e o pelotão seguia sua maça de rotina, enquanto, a voz do instrutor continuava segura:

_ Apresentar armas! Cobrir! Seus imbecis eu mandei cobrir, atenção cambada de idiotas, no fogo cruzado a situação é bem diferente..., vocês são uns inúteis! Vocês não valem o que o gato enterra..., queixo pra frente, barriga pra dentro.

Já não se ouvia as pisadas dos recrutas, então, voltei-me para o atendente e este ainda continuava pendurado no telefone. Finalmente, num gesto de infinita ternura o homem chegou até a mim e disse: Guerra acabou! Viva, viva, a guerra acabou.